

Assírio & Alvim, Documenta e o Sistema Solar da Edição

André Piedade Baptista

Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto

Março 2013

**Assírio & Alvim, Documenta e o Sistema Solar da
Edição**

André Piedade Baptista

**Relatório
de Estágio de Mestrado em Edição de Texto**

Março 2013

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos
requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em
Edição de Texto realizado sob a orientação científica do
Professor Doutor Fernando Cabral Martins

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à equipa da Sistema Solar, especialmente ao editor Manuel Rosa e ao revisor António Lampreia pelo apoio, disponibilidade e amizade.

Ao professor Fernando Cabral Martins pela orientação do estágio e relatório e pelo apoio na obtenção do estágio.

Assírio & Alvim, Documenta e o Sistema Solar da Edição

André Piedade Baptista

Resumo

O presente relatório tem como objectivo descrever o estágio realizado na Sistema Solar – Cooperativa Editora e Livreira, Crl., integrado no Mestrado em Edição de Texto.

São apresentadas as motivações do estagiário, processo de obtenção do estágio e contextualização da situação da empresa. Quanto ao trabalho realizado, é destacada a revisão de texto, sendo enumeradas as obras revistas durante o estágio.

Serve de conclusão uma reflexão acerca da aprendizagem realizada, uma comparação das expectativas do estagiário com a forma como o estágio decorreu e uma análise do funcionamento e estratégia da editora.

PALAVRAS-CHAVE: edição de texto, revisão de texto, estágio, Assírio & Alvim, Documenta, Sistema Solar

Assírio & Alvim, Documenta e o Sistema Solar da Edição

André Piedade Baptista

Abstract

This report serves as a description of the internship undertaken at Sistema Solar – Cooperativa Editora e Livreira, Crl., in the context of the master's degree in Text Editing.

The trainee's motivations, the process of obtaining the internship, and the company's state of affairs are described in the introduction. Of the tasks assigned to the trainee, proofreading is given the most attention in this work, and the books revised during the internship are enumerated and described.

A reflection on what was learned, a comparison between the trainee's expectations and what occurred during the internship, and an analysis of the publisher's strategy and work serve as a conclusion.

KEYWORDS: text editing, proofreading, internship, Assírio & Alvim, Documenta, Sistema Solar

ÍNDICE

Introdução	1
O Estágio.....	4
Revisão de Texto	
<i>Cibercultura e Ficção</i>	5
<i>Introdução à Ética</i>	7
<i>O Cinema da Poesia</i>	9
<i>Quaresma, Decifrador</i>	10
<i>Trolhamento dos 33 Graus do Rito Escocês Antigo e Aceite</i>	11
<i>Spleen</i>	12
<i>As Lojas de Canela, Bubu de Montparnasse, A Mulher que Fugiu</i> <i>a Cavalo e Inferno</i>	13
<i>A Luz é Mais Antiga que o Amor e A Paixão</i>	14
Outras Obras	14
Conclusão	
A Revisão de Texto	15
Expectativas e Realidade.....	17
A Estratégia da Editora.....	18
Anexos	21

Introdução

Um estágio curricular permite ao aluno contextualizar de forma prática os conhecimentos obtidos na componente lectiva do mestrado. No caso da edição de texto, as matérias estudadas ganham finalmente uma dimensão real quando são aplicadas no trabalho de uma editora. Desde a inscrição no Mestrado em Edição de Texto, compreendi que o estágio seria um elemento fundamental da minha formação profissional e académica. Chegando o momento do planeamento desta componente não-lectiva, revelou-se a mim e aos meus colegas a dura realidade do mercado editorial actual: das várias editoras portuguesas contactadas, poucas estavam disponíveis para receber estagiários, devido aos regimes de contenção de custos e à imprevisibilidade da actual conjuntura económica. Felizmente, o Professor Fernando Cabral Martins facultou-me o contacto do editor Manuel Rosa, que estaria interessado em aceitar um estagiário deste mestrado.

Associado à editora Assírio & Alvim, o contacto com este editor surgiu como uma oportunidade ideal. Uma das mais prestigiadas editoras portuguesas, e, confesso, uma editora pela qual sempre tive uma certa predilecção, que, para mais, se encontrava num processo de mudança organizacional de extremo interesse: em Março de 2012 foi anunciada a aquisição da chancela e catálogo da Assírio & Alvim pelo Grupo Porto Editora. Esta aquisição, muito representativa da actual realidade editorial portuguesa, caracterizada pela concentração em grandes grupos, permitir-me-ia aprender muito sobre o mercado em que pretendo trabalhar.

Após os primeiros contactos com o editor, em que referi o meu interesse e total disponibilidade em colaborar nesta nova vida da editora, e foi acordado o início do estágio para o mês de Setembro de 2012.

Iniciava-se assim uma nova, e fascinante, etapa deste meu percurso académico/profissional. Esperava, com este estágio, compreender melhor o funcionamento interno de uma editora portuguesa plena de tradição e a forma como esta se adaptaria a uma nova realidade. Desde os primeiros contactos, expliquei que estaria disponível para contribuir nas áreas onde fosse necessário maior apoio, deixando ao critério do editor a atribuição de funções. Não pretendia ser apenas um mero observador externo e indiferente aos resultados do trabalho produzido: desejava participar

realmente, disponibilizando todos os recursos de que dispunha, na esperança de poder contribuir de forma positiva para este novo capítulo da história da editora. Pareceu-me esta motivação essencial, e de acordo com o que aprendi durante a componente lectiva do mestrado: a actividade editorial implica uma certa paixão, um gosto especial e dedicação ao trabalho produzido.

Fundada em 1972, desde essa data que a Assírio & Alvim se dedicou à publicação de obras com valor cultural, como se pode conferir num manifesto divulgado à imprensa em 1973 pelos editores, onde se lê que a editora se dedica à «divulgação de autores jovens, obras novas ou textos com capacidade de ruptura com estilos e tradições», «opõe-se à publicação de êxitos com vista apenas a vendas, pretende dar acesso aos leitores a textos de base que se prevê tornarem-se essenciais.»

Em 1983, a direcção da editora é assumida por Manuel Hermínio Monteiro, que seria responsável por muito do sucesso da editora nos anos seguintes e se tornaria uma importante figura do mundo editorial português. Ao longo dos anos, o nome Assírio & Alvim tornou-se indissociável da poesia em Portugal, contando com um grande número de poetas no seu portefólio e desenvolvendo iniciativas de promoção da poesia e defesa da cultura portuguesa. A morte de Hermínio Monteiro, em 2001, foi uma grande perda, não só para a editora, como para o panorama cultural português. Sobrevivia-lhe uma editora que se tornara mais do que isso: uma casa da poesia e cultura em Portugal.

No primeiro e-mail que enviei a Manuel Rosa, candidatando-me ao estágio, referi que gostaria de compreender o processo de aquisição do catálogo da Assírio & Alvim pelo Grupo Porto Editora. Quando me desloquei às instalações para uma primeira reunião, o editor explicou-me de bom grado os termos deste processo.

Institucionalmente, a editora enquadra-se numa cooperativa: Sistema Solar – Cooperativa Editora e Livreira, Crl. Faziam parte desta editora as chancelas Assírio e Alvim e Documenta. O Grupo Porto Editora adquiriu o catálogo da chancela Assírio & Alvim, a mais vasta chancela da cooperativa. Manuel Rosa assumiu o papel de colaborador externo, continuando envolvido até certo ponto nos projectos editoriais da Assírio & Alvim. Nesta nova etapa, o editor dedicar-se-ia maioritariamente à chancela Documenta, destinada à publicação de ensaio, catálogos de exposições e livros de arte.

Foi lançada também a nova chancela Sistema Solar, dedicada à edição de autores clássicos de ficção, portugueses e estrangeiros, com uma nova linha editorial.

As actividades de distribuição, bem como a gestão das livrarias, continuaria a cargo da cooperativa de Manuel Rosa. Assim, apesar de a propriedade do catálogo da Assírio & Alvim ter sido transferida para o Grupo Porto Editora, a editora de Manuel Rosa continuaria a existir, agora sob as chancelas Sistema Solar e Documenta, e o editor continuaria a participar na gestão dos projectos editoriais da Assírio & Alvim.

O Estágio

O estágio na Sistema Solar decorreu entre 17/09/2012 e 14/12/2012, totalizando 400 horas. Ficou acordado com o editor (Manuel Rosa) que as horas de trabalho seriam compreendidas entre as 10h00 e as 18h00, existindo alguma flexibilidade de horário, de acordo com o trabalho existente e disponibilidade do estagiário.

O escritório da Sistema Solar, na rua Passos Manuel, em Lisboa, é um apartamento no quinto andar do prédio da livraria Assírio & Alvim, também propriedade da editora. É composto por duas salas de trabalho: uma delas maior, onde trabalha habitualmente o editor Manuel Rosa e a paginadora Graça Manta; outra, mais pequena, onde trabalha habitualmente o revisor António Lampreia. Foi-me indicada uma secretária na sala mais pequena, partilhada com António Lampreia, onde tive oportunidade de aprender com este experiente revisor de texto.

Ao longo do dia havia um constante entrar-e-sair de pessoas, desde o próprio editor, autores, artistas, tradutores, amigos... Destaco as frequentes visitas de Aníbal Fernandes, tradutor, que quase diariamente se deslocava ao escritório para discutir algum aspecto das obras em que estava a trabalhar para a Sistema Solar, proporcionando frequentemente conversas interessantíssimas sobre os mais variados temas; ou Lourdes Castro, artista plástica portuguesa residente na Alemanha, amiga de longa data dos membros da equipa editorial, que nos visitou algumas vezes para discutir a elaboração das edições dos seus livros de artista. O ambiente poder-se-ia, assim, descrever como «descontraído» mas extremamente interessante, povoado pelas mais diversas personagens da cultura portuguesa.

Quanto ao trabalho realizado, desde o primeiro contacto com o editor, disponibilizei-me para dar apoio naquilo que fosse mais necessário e urgente. A prioridade da editora naquele momento era a revisão dos textos a publicar até ao Natal. Propus-me para esse trabalho, sendo esta uma actividade que me interessa, e que me permitiria aplicar os conhecimentos obtidos nos cursos extracurriculares de revisão de texto que tinha frequentado. Assim, uma grande percentagem de horas de estágio foram dedicadas à revisão de texto. Abaixo são enumeradas as obras revistas pelo estagiário, acompanhadas de uma descrição da abordagem feita a cada uma.

A par da revisão de texto, participei numa reunião com a empresa de Webdesign responsável pelo novo site da Sistema Solar, assisti a diversos lançamentos de livros Documenta e Sistema Solar e digitalizei imagens.

Revisão de Texto

Cibercultura e Ficção

No primeiro dia do estágio (17/09/2012) foi-me proposto o acompanhamento da edição do livro *Cibercultura e Ficção*, organizado por Jorge Martins Rosa, professor auxiliar na Universidade Nova de Lisboa (UNL). Esta edição enquadra-se no projecto «A Ficção e as Raízes de Cibercultura», acolhido pelo Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens (Universidade Nova de Lisboa) e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. No volume são reunidos textos apresentados em colóquio integrado no projecto, realizado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, ao qual tive o prazer de assistir, em Março de 2012.

Os textos em questão abordam a temática da influência da ficção científica no pensamento e discurso contemporâneo do imaginário tecnológico das mais diversas perspectivas. Foi escolhido para este estudo o período de 1870 a 1970. Desde autores canónicos como Forster, Beckett ou Borges, até textos obscuros do universo *sci-fi*, passando também pelo cinema e animação, é apresentada de forma muito abrangente a temática da cibercultura.

Os autores dos textos compilados incluem portugueses e brasileiros, pelo que um dos principais problemas apresentados pela edição foi a questão da uniformização da língua, de acordo com o Novo Acordo Ortográfico. Iniciei a revisão da 1.^a prova, previamente revista pelo organizador, que propunha algumas emendas (principalmente questões de estrutura e uniformização de bibliografias). O facto de ter assistido ao colóquio referido acima ajudou-me bastante, visto que já me encontrava familiarizado com o conteúdo dos textos, podendo assim estar mais atento às questões da forma.

De início, levantaram-se questões relativas ao Acordo Ortográfico. Nos casos de dupla grafia, por qual das alternativas deveria optar? Após conversa com o revisor

residente da editora (António Lampreia), decidiu-se manter sempre que possível a grafia anterior ao Novo Acordo, de acordo com a pronúncia erudita dos vocábulos, quando esta existia. Ainda assim, eram muitas as situações em que as grafias se alteravam, principalmente com a queda de consoantes mudas (objecto/objeto, por exemplo). Aqui, também a diversidade de autores implicou uma atenção especial à uniformização, visto que alguns tinham já optado por escrever em conformidade com o Novo Acordo Ortográfico, mas obedecendo aos seus próprios critérios (por vezes diferentes dos escolhidos para a edição). No caso dos autores brasileiros, manteve-se a grafia do português do Brasil e a própria estrutura frásica.

Outro problema que surgiu foi a questão dos estrangeirismos. Tendo em conta o tema, eram utilizados ao longo do livro inúmeras expressões estrangeiras, próprias do léxico tecnológico. Propus a alteração para a expressão equivalente em português, quando esta se encontrava dicionarizada, evitando assim o uso desmesurado de itálicos, procurando obter um texto mais «limpo». Um exemplo desta situação foi a substituição de *robot* por robô.

Quanto à revisão de conteúdo, foram efectuadas também emendas, algumas das quais por minha iniciativa, de acordo com os conhecimentos que possuo dos temas e autores tratados. Nos casos em que existiam dúvidas, foram discutidas com o organizador da edição, que, quando necessário, entrou em contacto com o autor do texto respectivo, que prontamente as esclareceu.

Terminada a revisão da primeira prova, foi marcada uma reunião com Jorge Martins Rosa, em que analisámos as emendas da minha autoria, e lhe apresentei as dúvidas suscitadas por esta primeira etapa de revisão (21/09/2012). Quase todas as emendas foram aceites, maioritariamente questões textuais de pontuação, concordância, redundâncias, e, como já referido, uniformização das grafias. As dúvidas que subsistiram após esta reunião foram esclarecidas pelo organizador junto dos autores, e posteriormente enviadas por e-mail, para que eu pudesse proceder às emendas.

A primeira prova foi entregue à paginadora (Graça Manta), que as passou para o documento digital, imprimindo depois uma segunda prova. Quando esta me foi entregue, comecei por confirmar se todas as emendas tinham sido efectuadas, comparando-a com a primeira prova. Terminado este processo, dei início à segunda prova de revisão (27/09/2012), com especial atenção à questão da uniformização das grafias, da estrutura dos capítulos e das bibliografias. Nesta prova, agora limpa dos

erros e gralhas mais grosseiros, pude encontrar mais alguns problemas de pontuação e estrutura frásica. O contacto com o organizador da edição foi mantido por e-mail, e as dúvidas que subsistiam foram esclarecidas (**Anexo 1**).

Finda a segunda prova (03/10/2012), foi novamente entregue à paginadora, que passou as emendas para o computador, e me entregou depois o ficheiro PDF para uma última revisão. Como anteriormente, confirmei as emendas da segunda prova, e depois, utilizando as ferramentas de pesquisa do Acrobat Reader, verifiquei a uniformização das grafias dos vocábulos mais frequentes que tinham sido alterados pelo Novo Acordo. Para facilitar este processo, tinha anotado ao longo das várias provas as palavras que mais recorrentemente emendei, obtendo assim uma lista para pesquisar no PDF, e concluir mais facilmente esta etapa final. Também nesta fase prestei especial atenção a erros de translineação que pudessem ter subsistido.

Terminada a revisão, foi elaborada a capa e contracapa do livro, que seguiu para impressão na gráfica. No dia 23/11/2012 foi lançada a edição pela Documenta, na livraria Assírio & Alvim, no Chiado.

Introdução à Ética

No dia 20/09/2012 dei início à revisão da primeira prova do livro *Introdução à Ética*, de José Manuel Santos, coordenador do Instituto de Filosofia Prática e professor associado na Universidade da Beira Interior. Nesta obra são apresentadas as principais teorias da Ética, de Aristóteles a Kant, passando por Epicuro e algumas teorias éticas contemporâneas (Apel, Habermas, MacIntyre e Nussbaum).

Tratando-se de um texto académico de carácter introdutório, a maior preocupação como revisor foi atentar à clareza do texto, procurando evitar redundâncias ou construções frásicas confusas. Quanto a revisão de conteúdo, nas questões em que me parecia haver algum tipo de incongruência, recorri ao autor para clarificar a situação.

No final do primeiro capítulo detectei um erro, produzido pelo programa de paginação, que levou à desformatação de alguns parágrafos e tabelas e a uma total corrupção das notas de rodapé, que surgiam em páginas erradas. Felizmente, o problema

foi rapidamente resolvido pela paginadora e pude continuar a revisão numa nova impressão, já correctamente paginada.

Os problemas encontrados foram principalmente de cariz textual. Utilização excessiva de expressões como «ou seja» e «isto é», tal como frases excessivamente longas repletas de conceitos filosóficos complexos, tornavam o texto desnecessariamente complicado. Também a pontuação, principalmente vírgulas, implicou várias emendas. Na revisão da primeira prova, procurei eliminar os problemas mais evidentes, sempre no sentido de tornar o texto mais claro, mas com algumas reservas, respeitando o estilo do autor quando parecia ser essa a justificação para certas construções. Também foram apontadas algumas dúvidas referentes à estrutura dos capítulos e títulos, para discutir com o autor.

Terminada a primeira prova no dia 26/09/2012, foi agendada uma reunião com o autor para dia 01/10/2012. Apresentei a José Manuel Santos as principais dúvidas que tinham surgido, e expliquei de forma geral o teor das emendas que tinha feito. O autor desde logo se mostrou disponível para efectuar todas as mudanças que tornassem o texto mais claro. Dado o elevado número de alterações, o autor optou por levar consigo a prova para aprovar as emendas. As questões de estrutura e organização dos capítulos foram resolvidas entre o autor e a paginadora (Graça Manta). No dia 10/10/2012, depois de ter sido devolvida a primeira prova, com quase todas as emendas aceites, e a paginadora ter concluído o processo de as passar para um novo documento digital, iniciei a revisão da segunda prova impressa, após ter confirmado que todas as emendas tinham sido efectuadas.

Nesta segunda prova, de acordo com a aprovação das emendas anteriores pelo autor, aprofundi um pouco mais a limpeza de repetições e redundâncias, tal como uma mais rigorosa revisão da pontuação. Por o texto já se encontrar mais claro, foi-me possível identificar problemas mais subtis de estrutura frásica e concordância. Terminada a revisão, no dia 16/10/2012, foi marcado novo encontro com o autor, que aprovou as novas emendas e me explicou os critérios a utilizar na uniformização da bibliografia. Passadas as emendas para o documento digital, procedi à sua confirmação, a uma revisão final da paginação (com especial atenção à translineação) no documento PDF, e uniformização da bibliografia em conjunto com a paginadora. Seguiu-se a elaboração da capa e contracapa e impressão na gráfica.

No dia 13/11/2012 o livro foi lançado pela Documenta na livraria Assírio & Alvim, no Chiado.

(Ver **Anexo 2**, com exemplo de página da prova de revisão.)

O Cinema da Poesia

No dia 10/10/2012, foi-me proposta a revisão do livro *Poesia:Imagem, Cinema*, de Rosa Maria Martelo, cujo título viria a ser mais tarde alterado pela autora para *O Cinema da Poesia*. Tendo uma primeira prova já sido revista pela autora, comecei por confirmar se todas as emendas tinham sido passadas para a segunda prova. Nesta, assinaei principalmente problemas estruturais, nomeadamente a ausência de números de página nas referências em nota de rodapé (encontravam-se indicadas com «p.???», visto que na primeira prova a paginação não era definitiva). Outro problema recorrente dizia respeito às aspas angulares, que na maioria das vezes se encontravam substituídas por um «x», ou, em alguns casos, invertidas, abrindo aspas quando devia fechar, e vice-versa. Outras dúvidas que surgiram durante a revisão desta prova, concluída a 17/10/2012, foram esclarecidas com a autora, via e-mail no dia 20/10/2012.

No dia 18/10/2012, recebemos por correio uma segunda prova revista pela autora, com emendas assinaladas a esferográfica preta e azul. Optei por juntar nessa prova todas as emendas, assinalando a lápis as que tinham sido feitas por mim na prova anterior. As confirmadas pela autora por e-mail no dia 20/10/2012 foram assinaladas a esferográfica vermelha. Dei então início à revisão desta prova, que concluí no dia 24/10/2012. As novas emendas foram assinaladas a esferográfica verde. Esta organização por cores permitiu observar as várias «camadas» de emendas, facilitando a compreensão do processo de revisão e a passagem das correcções para o documento digital. Nesta prova corriji mais algumas gralhas, e resolvi alguns problemas de pontuação (vírgulas, na maioria).

Em conversa com o editor (Manuel Rosa), observei que esta obra continha muitas citações e excertos de outros autores em língua estrangeira, nomeadamente inglês e francês. Caso se destinasse a edição a um público erudito, mais limitado, este facto não constituiria um problema, mas talvez se justificasse a tradução, com o

objectivo de chegar a mais leitores. O editor concordou, e assinaei todas as citações passíveis de ser traduzidas, tendo sido elaborado pela paginadora um documento Word com esses excertos, posteriormente enviado por e-mail à autora, que procedeu à tradução.

Após terem sido recebidas as traduções, os textos em língua estrangeira foram substituídos, e revistos no ficheiro PDF. No dia 31/10/2012, foi-me pedida a execução do índice onomástico, construído utilizando a ferramenta Search do Acrobat Reader. A revisão ficou concluída, e a obra foi editada pela Documenta em Janeiro de 2013.

(Ver **Anexo 3** e **Anexo 4** com os e-mails trocados com a autora e exemplo de página de prova de revisão, respectivamente).

Quaresma, Decifrador

No dia 09/11/2012, comecei a rever *Quaresma, Decifrador*, uma compilação dos contos policiais inacabados de Fernando Pessoa, editada anteriormente e que estava a ser preparada para uma nova edição.

Comecei por confirmar as emendas feitas pela organizadora da edição, que compreendiam principalmente alterações às notas finais e indicação de variantes nos manuscritos. Concluído este processo inicial, dei início à revisão. Devido à natureza fragmentária dos textos, vi-me muitas vezes obrigado a confrontar a edição anterior, para confirmar se algo se tratava de um erro ou omissão, ou se correspondia ao texto original.

Durante a revisão desta obra tive de me cingir apenas à correcção de gralhas e erros de transcrição. Encontrei outras questões que, para mim, constituíam problemas, mas estavam de acordo com os critérios de edição da organizadora, por isso tive de as respeitar. O mais flagrante exemplo deste tipo de situações foi a incongruência da forma de apresentação do discurso directo. Estes contos estavam, na sua maioria, inacabados e provinham de folhas soltas, algumas manuscritas, dactiloscritas, fragmentos, muitos capítulos não concluídos... a estratégia de edição foi reproduzir os textos tal como foram deixados pelo autor, evitando intervenção do editor, além da organização sequencial dos capítulos dispersos. Ora, no caso do discurso directo, parece-me que se

justificava algum nível de intervenção. Por vezes, o discurso de uma personagem era indicado com travessão, outras vezes apenas aspas, outras, ainda, nada senão o contexto permitia entender que se tratava da fala de uma personagem, ou que o locutor tinha mudado de um parágrafo para outro. Entender-se-ia respeitar esta forma como estilo do autor, mas nos capítulos mais «terminados», mais completos, que apresentavam uma forma mais cuidada e, aparentemente, final, o discurso das personagens surgia organizado e indicado de forma clara, através do uso de travessão ou aspas angulares. Assim, notava-se uma grande diferença de capítulo para capítulo, o que dificultava a leitura, complicando ainda mais um texto já fragmentário.

Também nas notas e anexos finais me deparei com alguma confusão: os comentários da organizadora não se encontravam identificados de forma a permitir separá-los das citações ou fragmentos do autor. Propus utilizar itálico para identificar os parágrafos da organizadora, mas optou-se por manter a forma da edição anterior, sem os referidos itálicos.

A revisão desta obra permitiu-me reflectir sobre estas questões editoriais, apesar disso, aceitei os critérios de edição e respeitei essas decisões, cumprindo o trabalho de revisor conforme me foi pedido.

Trolhamento dos 33 Graus do Rito Escocês Antigo e Aceite

No dia 08/10/2012, dei início à revisão de uma edição de autor: *Trolhamento dos 33 Gruas do Rito Escocês Antigo e Aceite*. Trata-se de uma tradução do francês feita por João Paulo Rosa Dias e organizada por Miguel Roza, sob o nome de editora São Rozas.

Esta obra foi encontrada por Miguel Roza entre os pertences de Fernando Pessoa, do qual é familiar. Nela, são enumerados e explicados os rituais, palavras-passe e outros pormenores dos 33 Graus do Rito Escocês da Maçonaria. Era um livro muito antigo, em francês, cujas páginas acusavam a passagem do tempo. O organizador decidiu fazer uma tradução, procurando manter, tanto quanto possível, a estrutura original.

Uma das principais características desta obra, tal com o organizador refere no prefácio, é a tentativa de recuperação dos termos hebraicos originais, grafados com os

caracteres próprios, visto que ao longo da história do Culto Maçónico estes tinham sido corrompidos pela oralidade. Para manter este aspecto, procurámos um máximo rigor na transcrição dos símbolos hebraicos. Por se tratar o original de uma edição antiga e manuseada, alguns caracteres apresentavam difícil leitura. Uma vez que ninguém na editora dominava a língua hebraica, foi-me pedido que, além de rever o texto traduzido para português, procurasse confirmar a grafia hebraica, comparando com cópias do exemplar original do livro. Nos casos em que a leitura do original se mostrava difícil, ou os caracteres eram muito semelhantes, consultei tabelas com as várias grafias do alfabeto hebraico, e em alguns casos procurei na internet a expressão em questão, tendo sucesso em alguns casos, visto que se tratavam de expressões religiosas relevantes para várias culturas.

Quanto à tradução, encontrei algumas gralhas e problemas de pontuação, muitas vezes derivadas de uma tradução demasiado literal do francês.

Apenas tive oportunidade de trabalhar parte do livro, visto que o resto ainda estava em fase de paginação, mas foi uma experiência interessante, especialmente por trabalhar com caracteres até então para mim desconhecidos.

Spleen

No dia 19/10/2012, apresentaram-me um interessante projecto de reedição: *Spleen*, de Mário Botas. Originalmente um catálogo de exposição do artista, editado pela Gulbenkian, apresentando 50 ilustrações de Mário Botas para *O Spleen de Paris*, de Baudelaire, cada uma acompanhada pelo respectivo texto, e incluindo um prefácio/apresentação da autoria de Almeida Faria.

O primeiro trabalho que realizei foi cotejar o texto de Almeida Faria, estando atento a qualquer erro de transcrição que pudesse ter ocorrido. Mais tarde, no dia 29/10/2012, comecei a revisão dos textos de Baudelaire traduzidos para português, estando especialmente atento a problemas de translineação. Apesar de o texto já ter sido revisto por outra pessoa, encontrei ainda algumas gralhas.

As Lojas de Canela, Bubu de Montparnasse, A Mulher que Fugiu a Cavalo e Inferno

Durante o estágio, revi alguns livros para edição na nova colecção da Sistema Solar: *As Lojas de Canela* de Bruno Schulz, *Bubu de Montparnasse* de Charles-Louis Philippe, *A Mulher que Fugiu a Cavalo* de D.H. Lawrence e *Inferno* de August Strindberg. Todas estas obras tinham sido traduzidas por Aníbal Fernandes, colaborador frequente da Assírio & Alvim e agora da Sistema Solar. *As Lojas de Canela* e *Inferno* seriam reedições, visto que já tinham sido publicadas na Assírio & Alvim anteriormente.

Foi-me indicado pelo revisor António Lampreia que, no caso destas traduções, deveria estar atento sobretudo a gralhas, evitando interferir no texto do tradutor, que apresenta um estilo muito próprio. Após a primeira leitura compreendi o que queria dizer: as traduções de Aníbal Fernandes revelam uma extrema riqueza literária, traduzindo os textos estrangeiros para a língua portuguesa com um especial cuidado em traduzir também o seu estilo, e grande atenção ao vocabulário utilizado. Assim, efectuei uma revisão mais reservada, emendando apenas as gralhas evidentes, e assinalando as dúvidas que surgissem para discutir posteriormente com António Lampreia. No caso das obras para reedição, pude comparar as provas de revisão com o texto publicado anteriormente, identificando facilmente as situações em que tinha ocorrido erro de transcrição durante o processo de paginação.

Em alguns casos, encontrei situações em que, para mim, se justificava uma emenda (especialmente na pontuação), mas após discuti-las com António Lampreia, e atendendo aos critérios de revisão que me tinham sido indicados, compreendi que frequentemente se tratavam de opções estilísticas do tradutor, que mereciam respeito.

A Luz é Mais Antiga que o Amor e A Paixão

No mês de Novembro, revi duas obras para publicação no catálogo da Assírio & Alvim, agora detido pela Porto Editora: *A Luz é Mais Antiga que o Amor* de Ricardo Menéndez Salmon, e *A Paixão* de Almeida Faria. Apesar de não serem publicadas pela Sistema Solar, a edição foi feita em colaboração entre as duas editoras. No entanto, uma diferença: as obra publicadas sob a chancela Assírio & Alvim adoptariam o Novo Acordo Ortográfico, ao contrário da maioria das obras publicadas pela Sistema Solar.

Assim, uma parte significativa deste trabalho de revisão consistia em confirmar as alterações para o Novo Acordo, atentando à uniformização do texto. Comparando com o trabalho realizado no contexto da edição *Cibercultura e Ficção*, esta revisão foi muito mais simples, uma vez que eram obras de um só autor, mantendo um só estilo ao longo do texto, e já tinham sido convertidas ao Novo Acordo, cabendo-me apenas a tarefa de confirmação. Encontrei ainda algumas gralhas, e estive atento a erros de translineação.

Outras Obras

Foram revistas, no decorrer do estágio, mais algumas obras: *Beatles em Portugal*, de Luís Pinheiro de Almeida e Teresa Lage; *Annabel Lee, Ulalume e O Corvo*, da autoria de Edgar Allan Poe, incluindo os poemas originais em inglês e traduções de Fernando Pessoa e Stéphane Mallarmé para o português e francês, respectivamente; *Este Silêncio*, de Pedro Strecht, um pequeno livro de poemas, edição de autor; e *História Abreviada da Literatura Portátil*, de Enrique Vila-Matas.

CONCLUSÃO

A Revisão de Texto

Ainda antes de me inscrever no Mestrado em Edição de Texto, frequentei os quatro níveis do curso de revisão de texto na escola Escrever Escrever, com o formador Manuel Monteiro, que suscitaram em mim um grande interesse por esta actividade. Sentindo-me preparado graças a esta formação extra-curricular, desde início demonstrei vontade de aplicar no estágio os conhecimentos obtidos nos referidos cursos. No entanto, estava consciente de que a abordagem feita pelo formador seria provavelmente distinta da praticada na editora, e teria de estar disponível para me adaptar aos critérios utilizados. Assim, apesar de estar confiante nos meus conhecimentos, procurei compreender primeiro o funcionamento da revisão de texto da editora. Para tal, foi fundamental o acompanhamento feito ao meu trabalho pelo revisor António Lampreia.

Logo na primeira obra que revi (*Cibercultura e Ficção*), deparei-me com muitas dúvidas: até que ponto deveria intervir no texto, que tipo de situações deveriam ser consideradas erros e quais poderiam ser vistas como opções estilísticas dos autores? Algumas das questões que apresentei a António Lampreia foram esclarecidas, sendo que frequentemente se tratavam de preciosismos linguísticos, que não eram habitualmente emendados. No entanto, outras dúvidas subsistiam. Optei por ser menos interventivo na primeira prova, aguardando até à primeira reunião com o organizador da edição para compreender qual a abordagem mais adequada. Este foi um ponto crucial da minha aprendizagem durante o estágio: cada obra (e respectivo autor/tradutor/organizador) é única, e a sua revisão deve ser adaptada à pessoa e situação em causa. Afinal, o trabalho do revisor consiste em garantir que o texto final é a versão mais clara, mais linguisticamente correcta, mas também mais de acordo com os desejos e estilo do autor/tradutor/organizador, nunca se esquecendo de que as suas emendas são, afinal, propostas, que devem estar abertas a discussão caso o autor/tradutor/organizador não concorde.

No caso de *Cibercultura e Ficção*, o organizador Jorge Martins Rosa mostrou-se muito receptivo às alterações por mim propostas, sendo que também ele se mostrava preocupado com questões linguísticas e interessado nas questões que levantei durante a

reunião. Assim, na segunda prova encontrei-me na posse de critérios mais claros, sentindo-me mais confiante na revisão dos textos.

Outra obra que me permitiu aprender muito sobre a actividade de revisão foi a *Introdução à Ética*. Quando dei início à revisão da primeira prova, encontrei muitos problemas, a maioria destes relacionados com a estrutura frásica, que afectavam a clareza do texto. A hesitação regressou: desta vez sentia que tinha de fazer alterações profundas à escrita do autor, e temia ultrapassar as minhas competências como revisor. Decidi que teria de proceder às alterações que me parecessem essenciais, não me poderia abster de emendar expressões e estruturas que, a meu ver, afectariam a leitura do texto e a impressão que este causaria no leitor, mas fiz questão de analisar cada situação até estar certo da razão pela qual a emenda se justificava. Terminada a primeira prova, a aproximação da reunião com o autor suscitou-me alguma ansiedade, temendo que este considerasse inoportunas as minhas propostas. Felizmente, o autor demonstrou-se muito receptivo às alterações, confessando que se dedicava especialmente ao conteúdo do texto, esquecendo um pouco a forma e o estilo. Deu-me assim liberdade para efectuar as emendas que me parecessem necessárias para tornar o texto mais claro. Também este contacto com o autor me permitiu aprender algo muito importante: a forma como se apresentam as emendas ao autor, nunca se devendo esquecer que aquele é o seu trabalho, ao qual se dedicou por inteiro e que nunca deve ser desrespeitado. Fiz questão de demonstrar que todas as emendas indicadas eram meras sugestões, de acordo com a minha opinião, conhecimentos e experiência, mas que a palavra final era sua, e que também eu tinha o desejo de que a obra fosse editada na sua melhor versão, sentindo-me responsável e dedicado a este projecto editorial.

Sinto que, ao longo do estágio, a minha forma de abordar a revisão de texto mudou, tornou-se menos rígida. Se há uma lição que me parece relevante destacar, é sem dúvida a de que um revisor deve ser humilde e estar na disposição de se adaptar a cada obra e cada autor, sem trair os seus princípios e conhecimentos; e este equilíbrio deve ser reajustado em cada caso, revelando-se esta actividade como um processo de aprendizagem contínua.

Expectativas e Realidade

Esperava, com este estágio, descobrir, experimentando em primeira mão, como funciona uma editora, quais os mecanismos e engrenagens que a fazem funcionar. Embora tenha presenciado esse funcionamento, e até certo ponto participado, sinto que a aprendizagem se processou mais por observação do que por intervenção propriamente dita.

Aquando do primeiro contacto com Manuel Rosa, criei certas expectativas em relação ao tipo de trabalho que realizaria. Esperava acompanhar a edição de pelo menos um livro desde a fase embrionária até à publicação. O contacto com o autor, a génese do projecto editorial, decisão do formato, conceito gráfico, paginação, revisão, capa, contracapa, planeamento do lançamento... senão todas estas etapas, contava participar pelo menos em algumas. Infelizmente, tal não sucedeu.

Durante o estágio, o trabalho desenvolvido limitou-se em grande parte à revisão de texto. Compreendo por que razões as coisas se passaram assim, uma das quais terá sido a minha decisão de me disponibilizar para o trabalho necessário e urgente não me declarando insatisfeito com o trabalho que me foi atribuído, considerando, afinal, que o bom funcionamento da editora tinha prioridade sobre as minhas expectativas pessoais. Acima de tudo, quis demonstrar que podia desenvolver trabalho útil, real, dedicado. Se o estágio curricular é uma forma de o aluno transpor o que aprendeu para a realidade do mercado de trabalho, penso que é importante que este considere esse estágio com o máximo de seriedade, assumindo responsabilidade perante a instituição que o acolheu, e, tal como um trabalhador dessa instituição, não se guiar apenas pelos seus interesses individuais, mas pelo bem do funcionamento geral da empresa.

Não me arrependo, nem posso dizer que me sinta desiludido. Gostaria de ter feito um trabalho mais variado, é certo, mas o trabalho que fiz também me permitiu aprender muito, e apesar de não ter executado certas tarefas, pude observar a forma como foram executadas na editora.

Outra expectativa defraudada foi o acompanhamento (e possível participação) da gestão da comunicação online da Sistema Solar. No início do estágio, assisti, a meu pedido, a uma reunião com os representantes da empresa de *webdesign* responsável pela criação do website da editora. Sendo licenciado em Marketing, este era um aspecto do

funcionamento da empresa que me interessava. Durante a reunião demonstrei interesse e fiz algumas questões aos *designers*, sentindo-me envolvido no processo. Esperava, inclusive, poder participar na gestão interna do *website* quando este estivesse *online*. Infelizmente o desenvolvimento foi-se atrasando, em parte por constrangimentos financeiros da editora, e a página não ficou terminada, nem voltou a haver novo contacto com os *webdesigners* até ao final do estágio. É lamentável, uma vez que estava muito interessado em participar no desenvolvimento e gestão desta ferramenta de comunicação, e penso que podia até contribuir positivamente com os meus conhecimentos na área. Mas, mais uma vez, um estágio está sujeito a estas limitações, nem sempre a situação é ideal, e foram estes mesmos obstáculos que me permitiram aprender sobre a realidade do mercado editorial português.

A Estratégia da Editora

As chancelas Sistema Solar e Documenta surgem num momento difícil da edição portuguesa. Caracterizado pela concentração em grandes grupos editoriais, dominado pela cultura do *bestseller* e do livro de supermercado, o mercado português não apresenta as condições mais favoráveis para o desenvolvimento de novas editoras. No entanto, é nestes momentos de aparente uniformidade e monotonia dos mercados que surgem nichos e novas oportunidades que só estruturas mais ágeis podem aproveitar. Tal como a Assírio & Alvim tinha feito no passado com a poesia, a Sistema Solar/Documenta pretende marcar a sua posição.

O catálogo Sistema Solar é composto por obras clássicas de autores consagrados (Henry James, Jean Genet, Bruno Schulz, Camilo Castelo Branco, etc.), alguns dos quais inéditos em Portugal. Alguns dos livros publicados são reedições de traduções publicadas anteriormente na Assírio & Alvim (principalmente nas colecções Gato Maltês e O Imaginário). A maioria das traduções é da autoria de Aníbal Fernandes, excelente tradutor, que é também responsável pelas notas de apresentação presentes no início das obras. Quanto à apresentação gráfica, os formatos variam, mas há um estilo transversal a todas as obras Sistema Solar: capa composta por uma ilustração, com moldura branca, nome do autor, título da obra e editora a letras brancas, contracapa a uma só cor (que varia de livro para livro), com letras brancas indicando o nome do

autor, título, tradutor e uma ou duas frases relacionadas com o texto em questão, podendo ser uma citação do texto ou um comentário de um crítico. A lombada é branca, com o nome do autor e título na mesma cor que a contracapa. Apesar de simples, este estilo cria uma coesão das obras, permitindo identificá-las facilmente entre outras colecções ou editoras. De certa forma minimalista, a capa e contracapa não oferecem muita informação ao potencial leitor, não se encontrando nenhum tipo de sinopse ou biografia do autor. Esse trabalho informativo fica ao cargo do texto de apresentação, presente nas primeiras páginas, frequentemente da autoria do tradutor. Algumas obras são ilustradas (como o caso de *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco, com ilustrações de Ilda David, ou *As Lojas de Canela* de Bruno Schulz), encontrando-se as ilustrações impressas no mesmo tipo de papel que o texto, com uma excelente qualidade (destaco as ilustrações a cores do livro com os textos *Paul Cézanne* por Élie Faure e *O Que Ele Me Disse...* por Joachim Gasquet, ilustrando obras do pintor francês).

Os livros publicados pela Sistema Solar têm uma característica interessante: apesar de se tratarem de obras consagradas, de autores famosos, algumas encontram-se no domínio público, não implicando o pagamento de direitos de autor. Esta é uma ótima forma de a editora cortar nos custos, podendo também investir um pouco mais na apresentação gráfica e qualidade da tradução.

A Documenta apresenta-se como uma chancela um pouco mais abrangente, mas também focada numa área determinada: ensaio e arte. Os livros de cariz ensaístico incluem a filosofia, obras dedicadas à música e músicos, poesia, literatura e outras formas de expressão artística. Muitas das obras publicadas sob a chancela Documenta contam com apoios à edição por fundações como a Fundação para a Ciência e Tecnologia e Fundação EDP, tratando-se por vezes de edições que correspondem à materialização em livro de projectos de investigação fundados por estas instituições. Além do ensaio, a Documenta publica também catálogos de exposições e livro de artista (como as edições que estão a ser desenvolvidas em conjunto com Lourdes Castro) em edição limitada, com especial atenção aos aspectos gráficos e plásticos da obra.

A experiência da equipa, anteriormente responsável pelo catálogo da Assírio & Alvim, é assim utilizada nestas novas chancelas: na Sistema Solar destaca-se a qualidade das obras e o cuidado prestado à edição, desde a tradução à linha gráfica; na Documenta, o amor pelas artes, os conhecimentos e a extensa rede de contactos

desenvolvida ao longo de anos de trabalho, produzindo um tipo de edições focado na expressão artística e por vezes um pouco esquecido, ou despercebido, em Portugal.

Infelizmente, a realidade do mercado não tem facilitado a vida destes novos projectos editoriais. Testemunhei, durante o estágio, o fervor com que o editor e a restante equipa prepararam obras atrás de obras, novos projectos, novas ideias surgindo constantemente. Muitas dessas obras foram lançadas ainda antes do Natal, outras têm sido publicadas nos meses seguintes. Algumas conseguiram um bom número de vendas, chegando até a esgotar primeiras edições. Mas este sucesso aparente não se traduziu, ainda, num retorno do investimento. A regra do mercado actual é a venda à consignação, e até grandes redes livrescas como a Fnac adiam os pagamentos até ao último momento possível. Assim, os livros são vendidos aos leitores, mas o dinheiro não chega à editora, que vai esperando, conseguindo cobrar por vezes a venda de uns poucos exemplares a pequenos livreiros aos quais o vendedor da editora se desloca. Mas não chega, e é difícil aguentar, manter o ritmo de trabalho, enquanto se espera que o investimento feito traga finalmente frutos. É esta a infeliz sina das pequenas editoras neste momento: estão sujeitas aos vícios do mercado, ao poder dos grandes distribuidores, ao espaço deixado pelos grandes grupos que inundam as superfícies comerciais com os seus livros e destaques. Mas a esperança, se a há, reside nos leitores que reconhecem o valor das obras publicadas, não pela cinta de *Bestseller*, mas pela dedicação evidente da editora àquele objecto, a um projecto em que foi preciso acreditar e apostar para o fazer chegar ao público. Num mercado marcado pela imagem superficial, pelo livro vendido como sabonete, ainda existem leitores e editores que lutam pelo livro como algo mais. E eu espero (não, acredito!) que essa luta não será em vão, e que o livro continuará a ser livro e os editores continuarão a ser editores. Se não todos, pelo menos alguns, porque a diversidade é importante, e nem só de *bestsellers* se faz a literatura.

Anexos

Anexo 1

Mails trocados com o organizador da edição

Jorge Martins Rosa

André Baptista <andrepiedadebaptista@gmail.com>

Revisão do livro Cibercultura e Ficção

11 mensagens

André Baptista

Sat, Sep 22, 2012 at 4:40 PM

To:

Caro Jorge,

Como combinado, envio neste e-mail as dúvidas que ficaram por esclarecer junto dos autores:

- No texto «Cérebros em Tanques e Corpos Trocados» (p.51), uma citação de Bernal: «after all it is brain that counts», parece faltar um «the».

- No texto «O Mundo de Perky Pat e as Imagens *Stock*» (p.146), uma citação de P.K. Dick, do *The Three Stigmata of Palmer Eldritch*: «No, he would say, P.P. Layouts is not interested in a min of this». Verificar o termo «min» (poderá ser um diminutivo de «miniature», nesse caso talvez valha a pena incluir a palavra original entre parêntesis rectos)

- No texto «SF e *Animé*» (p.165), o autor compara uma personagem de *animé* ao Super-Homem: «Os seus poderes são semelhantes aos da personagem super-homem e provêm também do espaço (planeta Crifton)». É provável que se refira ao planeta Krypton, mas é mais seguro confirmar com o autor.

- Ainda em «SF e *Animé*», na nota final n.º7 (p.167), acerca da personagem 8-Man, no texto principal refere «o herói *animé* 8th Man» (p.162). Perguntar ao autor qual a grafia que prefere.

- No texto «*New Frontiers, Old Values*» (p.174), encontramos a citação: «separar os sujeitos de uma possível contrapotência os meios da sua reflexão sobre si próprios» (Sloterdijk). Verificar o original.

- Ainda em «*New Frontiers, Old Values*» (p.175), uma citação: «a rich with every imaginable possibility [...] a servant you can depend on in these troubled times». Confirmar o termo «rich».

Penso que por agora é tudo. Veja quando lhe dá jeito passar pela editora para vermos o resto das emendas.

Cumprimentos,

André Baptista

Jorge Martins Rosa

Sat, Sep 22, 2012 at 6:57 PM

To: André Baptista

Vou então solicitar a informação aos autores, ou buscá-la quando possível, e respondo logo que possa.

Abraço,
Jorge Rosa

2012/9/22 André Baptista

[Quoted text hidden]

Jorge Martins Rosa

Sat, Sep 22, 2012 at 7:14 PM

To: André Baptista

E posso já confirmar as seguintes:

- No texto «Cérebros em Tanques e Corpos Trocados» (p.51), a citação

está correcta, confrontando com algumas edições online, mas por questões de clareza será melhor colocar o «the» entre parênteses rectos: «after all it is [the] brain that counts»

- No texto «O Mundo de Perky Pat e as Imagens Stock»(p.146): sim, «min» significa «miniature»; é melhor incluir esta última entre parênteses rectos

Poderia então combinar-se a segunda ronda de dúvidas para terça, por volta das 15h?

Abraço,
Jorge Rosa

2012/9/22 Jorge Martins Rosa <dedalus.jmmr@gmail.com>:

[Quoted text hidden]

André Baptista

Sun, Sep 23, 2012 at 3:00 PM

To: Jorge Martins Rosa

Sim, terça às 15h parece-me bem.

Abraço,
André Baptista
[Quoted text hidden]

Jorge Martins Rosa

Sun, Sep 23, 2012 at 5:54 PM

To: André Baptista

Combinado, então.
Tenho também já as respostas dos autores.

Texto do Filipe Luz:

– Sobre Clifton, se possível introduzir esta nota final: «Prince Planet é um herói extraterrestre que provém do planeta Crifton, certamente uma alusão ao planeta Krypton de Superman. Quando chega à Terra adota a identidade de Boppy, tal como Kal-El (Superman), que se disfarça de Clark Kent.» ([Já agora, uniformizar entre Super-Homem e Superman; prefiro o primeiro.]

– 8 Man: sempre assim, sem hifen nem «th».

No texto da Ana Barroso, as citações correctas são:

– «separar os sujeitos de uma possível contrapotência dos meios da sua reflexão sobre si próprios.» (Sloterdijk: 116)

– «a world rich with every imaginable possibility [...] a servant you can depend on in these troubled times.» (Dick: 17)

Abraço,
Jorge Rosa

2012/9/23 André Baptista <andrepiedadebaptista@gmail.com>:

[Quoted text hidden]

André Baptista

Tue, Sep 25, 2012 at 4:28 PM

To: Jorge Martins Rosa

Como combinado, seguem as dúvidas que ficaram ainda:

- No texto "Ficção Científica e Postliterate Society" (p.229), a frase "Por exemplo, sociedades onde a ciência e a técnica são dominantes, como se constatou na crítica sócio-assémico-*apophenica* operada pelo bombeiro da obra *Naked Sun*". Verificar se se trata do detective de *Naked Sun* ou do bombeiro de *Fahrenheit 451*.

-No texto "Visões Arquitetónicas do Futuro na Ficção" (p.252), a frase "A não ser os espaços totais que são paredes televisivas, cada uma das habitações referidas na narrativa organiza-se segundo esquemas tipológicos conservadores: a relação entre o interior e o exterior é reduzida ou nula, "não há alpendres" (Bradbury, 2002, p.73). e as janelas são os únicos momentos ou filtros de POUCO contacto e abertura." Decidir por que termo se pode substituir "pouco".

-No texto "Espaços Cibernéticos" (p.267), verificar citação de Bolter e Grusin (p.179): "To Augé's list of nonplaces we would add the cyberspace itself the Internet...", verificar se existe uma vírgula entre "cyberspace" e "the Internet".

-Na nota número 19 do texto "O Espaço na Cibercultura" (p.296), conferir com o autor se o termo pretendido em vez de "cinetografia" é "cinematografia" ou "cenografia".

- No texto "People e Underpeople" (p.331), verificar na citação introdutória de Ursula Le Guin se existe um "it" antes de "revised".

-Ainda no texto "People e Underpeople" (p.339), verificar a grafia de Nostrillia (com ou sem dois L's)

- No texto "Não. Ainda não nos Teletransportamos" (p.347), verificar citação de Sturgeon (p.171). "The first thing he was aware was the warmth", confirmar se existe um "of" a seguir a "warmth", e caso não exista decidir se pode ser adicionado entre parentesis rectos.

Abraço,
André Baptista
[Quoted text hidden]

André Baptista

Tue, Sep 25, 2012 at 5:02 PM

To: Jorge Martins Rosa

Lembrei-me agora de uma dúvida que não chegámos a esclarecer: na página 88, no texto "Cérebros em Caixas Mecânicas", na citação de Moravec mantém-se "squid" ou altera-se para "squids"?

[Quoted text hidden]

Jorge Martins Rosa

Tue, Sep 25, 2012 at 9:44 PM

To: André Baptista

Caro André Baptista,

Posso então já responder às seguintes, remetendo as outras para os autores:

- "Espaços Cibernéticos" (p.267), citação de Bolter e Grusin (p.179): "To Augé's list of nonplaces we would add the cyberspace itself: the Internet...". São dois pontos.

- "People e Underpeople" (p.339 e resto do texto, se houver mais ocorrências): Nostrilia (só um L)

- No texto "Não. Ainda não nos Teletransportamos" (p.347), verificar citação de Sturgeon (p.171). "The first thing he was aware of was the warmth": sim, existe um "of" a seguir a "warmth" no original.

Abraço,
Jorge Rosa

2012/9/25 André Baptista

[Quoted text hidden]

Jorge Martins Rosa

Tue, Sep 25, 2012 at 10:44 PM

To: André Baptista

Mais um:

– página 88, no texto "Cérebros em Caixas Mecânicas", na citação de Moravec é mesmo "squid", que é uma forma irregular (mas possível) do plural

Abraço,
Jorge Rosa

2012/9/25 Jorge Martins Rosa

[Quoted text hidden]

André Baptista

Thu, Sep 27, 2012 at 12:33 PM

To: Jorge Martins Rosa

A paginadora já está a passar as emendas a limpo. É possível enviar-nos um pdf com o texto da autora Ermelinda Maria Araújo Ferreira? Queremos introduzir os caracteres gregos nas notas finais, mas pelas emendas não se consegue perceber exactamente quais são.

Abraço,
André Baptista
[Quoted text hidden]

Jorge Martins Rosa

Thu, Sep 27, 2012 at 12:51 PM

To: André Baptista

Caro André Baptista,

Como estão todas na mesma nota de rodapé, segue apenas o respectivo texto.

Abraço,
Jorge Rosa

2012/9/27 André Baptista

[Quoted text hidden]



Ermelinda Ferreira Grego.pdf

22K

¹ *Distopia* ou *Antiutopia* é o pensamento, a filosofia ou o processo discursivo baseado numa ficção cujo valor representa a antítese da utopia ou promove a vivência em uma «utopia negativa». É geralmente caracterizada pelo totalitarismo, autoritarismo, ou por um opressivo controlo social. A sociedade mostra-se corruptível; as normas criadas para o bem comum mostram-se flexíveis. Assim, a tecnologia é usada como ferramenta de controle, seja do Estado, de instituições ou mesmo de corporações. O prefixo grego «dis» ou «dys» (δυσ-) significa «mau», «anormal», «estranho»; a palavra grega «topos» (τόπος), significa lugar e o grego «ou-» (ου) significa «não». Assim, utopia significa «lugar nenhum» e distopia significa «lugar mau». Distopias são frequentemente criadas como avisos, ou como sátiras, mostrando as atuais convenções sociais, extrapolando-se ao máximo seus limites.



André Baptista <andrepiedadebaptista@gmail.com>

Fwd: Dúvidas no texto para «Cibercultura e Ficção»1 message

Jorge Martins Rosa

Wed, Sep 26, 2012 at 11:58 AM

To: André Baptista

Caro André Baptista,

Segue o mail do Pedro Andrade relativamente à dúvida do bombeiro/detective.
Peço que veja se as restantes alterações (a azul) podem também ser inseridas.

Abraço,
Jorge Rosa

----- Forwarded message -----

From: **Pedro Andrade**

Date: 2012/9/26

Subject: Re: Dúvidas no texto para «Cibercultura e Ficção»

To: Jorge Martins Rosa

Caro Jorge Rosa

Obviamente, tens razão, foi um lapso no balanço final do texto.

Para além de corrigir as palavras incorrectas, coloquei algumas no parágrafo apenas para especificar certos sentidos do mesmo.

As correcções encontram-se assinaladas a azul.

Assim, é possível entender melhor as ideias subjacentes a esse parágrafo, que reenvio na sua forma correcta em seguida:

Se revisitarmos a ficção científica na perspectiva do GeoNeoLogismo, *ou seja no quadro da sua tripla dimensionalidade: (a) O tempo surge enquanto dimensão central, não apenas o futuro, mas os subjacentes passado e presente. (b) O espaço igualmente, na medida em que a ficcionalidade científica refere-se frequentemente a sociedades situadas em espaços sociais interplanetários que, malgrado as diferenças aparentes, mostram-se muito semelhantes ou complementares ao da Terra. Por ex., sociedades onde os media modernos como o livro são dominantes, como se constatou na crítica sócio-assémico-apophenica operada pelo bombeiro em Fabrezeit 451. (c) Finalmente, a linguagem e o discurso (logos) dos sujeitos em jogo também é relevante, sobretudo o discurso político ou as linguagens científica e das novas tecnologias (robótica, etc), como se apurou na obra The Naked Sun.*

Obrigado pela chamada de atenção e um abraço

Pedro



André Baptista <andrepiedadebaptista@gmail.com>

Revisão do texto de João Rosmaninho (Cibercultura e Ficção)

1 message

Jorge Martins Rosa

Wed, Sep 26, 2012 at 5:59 PM

To: André Baptista

Caro André Baptista,

Segue a sugestão do João Rosmaninho.

Abraço,

Jorge Rosa

A não ser os planos totais que são as paredes televisivas, cada uma das habitações referidas na narrativa organiza-se segundo esquemas tipológicos conservadores: a relação entre o interior e o exterior é reduzida ou nula, «não há alpendres» (Bradbury, 2002, p. 73) e as poucas janelas que existem são os únicos momentos ou filtros de contacto e abertura.



André Baptista <andrepiedadebaptista@gmail.com>

Revisão texto Rosário Monteiro (Cibercultura e Ficção)3 messages

Jorge Martins Rosa

Fri, Sep 28, 2012 at 10:33 AM

To: André Baptista

Caro André Baptista,

Segue a versão corrigida da citação de abertura deste texto:

«When ["Alpha Ralpha Boulevard"] was first published in 1961, revised, once and for all, my ideas of what science fiction was and what it could do.»

Entretanto, como tenho estado a enviar as respostas à medida que chegam, estou um pouco perdido. Penso que falta só a do texto sobre espaço e ficção, do Gonçalo Furtado. Poderia confirmar?

Abraço,
Jorge Rosa

André Baptista

Fri, Sep 28, 2012 at 1:55 PM

To: Jorge Martins Rosa

Caro Jorge,

Nessa citação, justifica-se a introdução de [it] antes de "revised"?

Sim, a única dúvida que resta é:

-Na nota número 19 do texto "O Espaço na Cibercultura" (p.296), conferir com o autor se o termo pretendido em vez de "cinetografia" é "cinematografia" ou "cenografia".

Abraço,
André Baptista
[Quoted text hidden]

Jorge Martins Rosa

Fri, Sep 28, 2012 at 2:09 PM

To: André Baptista

Sim, justifica-se o [it].

Aguardemos então a resposta do Gonçalo Furtado, a única que falta.

Abraço,
Jorge Rosa

2012/9/28 André Baptista

[Quoted text hidden]



André Baptista <andrepiedadebaptista@gmail.com>

Revisão da segunda prova de Cibercultura e Ficção

3 messages

André Baptista

Wed, Oct 3, 2012 at 2:02 PM

To:

Caro Jorge Rosa,

Terminei agora a revisão da segunda prova do livro, já com as emendas que tínhamos visto. Continua a faltar esclarecer a questão da cinematografia/cenografia. Além desta, deparei-me com mais algumas dúvidas:

-No texto "visões arquitetônicas do futuro na ficção", p. 254, no excerto: "O autor, neste ponto, parece procurar a crítica ao moderno sempre que esta seja proibitiva da experiência humana e, portanto, cultural." Não será "sempre que este [o moderno] seja proibitivo da experiência humana[...]?"

-No texto "Espaços Cibernéticos", p.264: "Ou seja, esse um contrutor-escreleitor-cibernauta como o leitor-autor dos contos de Borges." Falta um verbo nesta frase?

-No texto "Reflexos do Passado", p.362, numa tradução de um excerto de 1984 de Orwell, confirmar se onde está escrito "posterioridade" não deverá ser "posteridade".

Abraço,
André Baptista

Jorge Martins Rosa

Wed, Oct 3, 2012 at 2:11 PM

To: André Baptista

Caro André Baptista,

Ainda não me responderam relativamente à cinematografia/cenografia. Mas estive a olhar para o meu original, e aí tenho a passagem «ou ainda a série televisiva Star Trek e outros filmes que resultaram da adaptação de novelas escritas (e onde toda a cenografia arquitectónica adquiriu centralidade)», onde ocorre «cenografia». e numa nota de fim de texto tenho «cinematografia». Não está «cinetografia» nesse meu original, pelo que peço que reproduza como aqui indiquei. Quanto à primeira dúvida, não hesito: «este» [o moderno].

Vou ver os outros dois casos com os autores.

Abraço,
Jorge Rosa

2012/10/3 André Baptista

[Quoted text hidden]

Jorge Martins Rosa

Wed, Oct 3, 2012 at 6:54 PM

To: André Baptista

Caro André Baptista,

E aqui estão as respostas às duas dúvidas em falta.

-- "Espaços Cibernéticos", p.264: alterar para «Ou seja, o habitante virtual destes espaços apresentar-se-á enquanto construtor-cibernauta, da mesma forma que o leitor dos contos de Borges é um leitor-autor, isto é, um escreleitor .»

-- "Reflexos do Passado", p.362: posteridade.

Abraço,
Jorge Rosa

2012/10/3 Jorge Martins Rosa

[Quoted text hidden]

Ética, ciências sociais e humanas, literatura

Todavia, à tentativa de conceber a ética como uma ciência exacta, colocam-se obstáculos consideráveis. Os problemas que se põem começam por ser aqueles que se encontram quando se pretende, de um modo mais geral, dar às ciências humanas um carácter de exactas, para salvar a sua «cientificidade». Começamos por colocar a ética ao lado das ciências humanas. As tentativas para conceber estas como ciências exactas colocam problemas de várias ordens, a começar pelo problema metodológico. Enquanto que a experimentação com átomos ou bactérias não coloca problemas de ordem epistemológica (existe geralmente, na comunidade científica, consenso sobre a validade dos procedimentos experimentais e a interpretação dos resultados), nem tão pouco de ordem ética, o mesmo não se pode dizer no que toca às ciências humanas. Existem situações humanas únicas, impossíveis de reproduzir experimentalmente. Nas ciências onde tais experiências têm algum sentido, como na psicologia social ou do comportamento, a experimentação com seres humanos coloca sérios problemas éticos. No entanto, as principais questões que se colocam nem têm ver com a questão da experimentação, mas põem-se ao nível da definição e da descrição do objecto. Nas ciências exactas, os objectos apresentam a grande vantagem de ser «mudos» ou, se quisermos, não-humanos. Os objectos dessas ciências pertencem a uma natureza absolutamente «inumana», podendo ser descritos exclusivamente por referência a dados dos sentidos ou a uma «intuição categorial» (Husserl) da necessidade lógica ou matemática. O problema que se põe nas ciências ditas humanas, e *a fortiori* na ética, é que o objecto de estudo é não só o próprio homem, mas os predicados de humanidade, ou seja os «valores», que o cientista tem de usar para descrever a humanidade do humano. Nas ciências humanas os objectos são seres e predicados humanos. O objecto é, ao mesmo tempo, o sujeito do conhecimento. Enquanto que as bactérias, os electrões, os astros ou os números não têm opinião sobre si próprios, e nunca contestarão a descrição dos cientistas, no caso das ciências humanas, os sujeitos que são objecto da descrição do cientista — por exemplo de um antropólogo que descreve uma cultura que não é a sua — poderão sempre contestar essa descrição a partir da sua auto-compreensão. Esta

Anexo 3

Mails trocados com autora Rosa

Maria Martelo

André Baptista <andrepiedadebaptista@gmail.com>

Revisão de Poesia: Imagem, Cinema2 messages

André Baptista

Fri, Oct 19, 2012 at 11:08 AM

To:

Cara Rosa Martelo,

Combinei com o Manuel Rosa enviar-lhe as emendas que fiz ao livro e que precisam de ser confirmadas por si.

Seguem as emendas/dúvidas:

- P. 27, na nota 4, falta a indicação das páginas.
- P. 60, onde se lê «Como para Certeau, também neste caso o espaço parece ser concebido como um lugar experienciado. Que seria o poema.», prefere manter a frase «Que seria o poema.» independente, ou utilizar uma vírgula para ligar com a frase anterior?
- P. 80, na citação, no final do parágrafo, «[d]uas igrejas, num saudoso largo, / Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero []» verificar os parênteses rectos vazios.
- P. 86, na primeira linha, onde se lê "desejo absurdo de sofrer", devem ser utilizadas as aspas angulares « », ou itálico para destacar a expressão. Como prefere?
- P. 91 (e seguintes), a referência bibliográfica a *Anjo Mudo*, de Al Berto, está indicada na bibliografia com 2000a (o «a» está ao mesmo nível do resto do texto). Na p. 91 e noutras instâncias desta referência o «a» encontra-se elevado, pelo que se deverá optar por uma das opções e uniformizar. A mesma questão aplica-se a *Dual* de Sophia de Mello Breyner Andresen, cuja referência aparece mais à frente no texto.
- P. 98, onde se lê «*Horto de Incêndio* (Freitas 1999: 9-10])», verificar a utilização do parêntese recto.
- P. 121-122, é repetida (no final da p.121 e início da p.122) a expressão «antes de mais», na mesma frase. Deseja substituir por outra expressão, ou manter?
- P. 129, verificar a utilização dos parênteses em «(a forma das andorinhas em novas andorinhas, por exemplo (Brandão, 2006: 614)». Será «(a forma das andorinhas em novas andorinhas, por exemplo [Brandão, 2006: 614])»?
- P. 134, na nota 3, onde fecha o parêntese?
- P. 152, na citação de Pessoa no início da página, confirmar grafia «passal-a».
- P. 170, verificar utilização de parênteses rectos e curvos nas três primeiras linhas da nota 1.
- P. 177, a referência bibliográfica a Goldstein não corresponde à data indicada na bibliografia (no texto lê-se 1995, na bibliografia 1994).
- P. 207, na continuação da nota 3 da página 206, a palavra «cinema» deve aparecer entre aspas, como as outras?
- P. 244, na citação no final da página, confirmar «É ainda **so** esse mar que Ulisses terá talvez conhecido que tu te deitas».

Com os melhores cumprimentos,
André Baptista

Rosa Maria Martelo

Sat, Oct 20, 2012 at 10:54 PM

To: André Baptista

Caro André Baptista,

Agradeço muito a sua atenção e cuidado.
As respostas às suas questões seguem no anexo que acompanha este email.

Com os melhores cumprimentos da
Rosa Maria Martelo



emendas PIC.docx

143K

Seguem as emendas/dúvidas:

As respostas vão destacadas a **vermelho e amarelo**.
Muito obrigada pela atenção dispensada aos meus textos!
RMM

-P. 27, na nota 4, falta a indicação das páginas.

Inserir: 120

-P. 60, onde se lê «Como para Certeau, também neste caso o espaço parece ser concebido como um lugar experienciado. Queseria o poema.», preferem manter a frase «Queseria o poema.» independente, ou **utilizar uma vírgula** para ligar com a frase anterior?

-P. 80, na citação, no final do parágrafo, «[d]uas igrejas, num saudoso largo, / Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero[...]» verificar os parênteses rectos vazios.

-P. 86, na primeira linha, onde se lê "desejo absurdo de sofrer", devem ser utilizadas as aspas angulares **« »**, ou itálico para destacar a expressão. Como prefere?

-P. 91 (e seguintes), a referência bibliográfica a *Anjo Mudo*, de Al Berto, está indicada na bibliografia com 2000a (o «a» está aomesmonível do resto do texto). Na p. 91 e noutras instâncias desta referência o «a» encontra-se elevado, pelo que se deverá optar por uma das opções e uniformizar. A mesma questão aplica-se a *Dual* de Sophia de Mello Breyner Andresen, cuja referência aparece mais à frente no texto.

O a deverá estar sempre aomesmonível do resto do texto.

-P. 98, onde se lê «*Horto de Incêndio* (Freitas 1999: 9-10)», verificar a utilização do parêntese recto.

Suprimir o parêntese recto.

-P. 121-122, é repetida (no final da p.121 e início da p.122) a expressão «antes de mais», na mesma frase. Deseja substituir por outra expressão, ou manter?

Substituir a segunda ocorrência por **acima de tudo.**

-P. 129, verificar a utilização dos parênteses em «(a forma das andorinhas em novas andorinhas, por exemplo (Brandão, 2006: 614))». Será «(a forma das andorinhas em novas andorinhas, por exemplo [Brandão, 2006: 614])»?

É preferível passar a usar travessões. Assim:

-a forma das andorinhas em novas andorinhas, por exemplo (cf. Brandão, 2006:

614) –,

-P. 134, na nota 3, onde fecha o parêntese?

Substituir o parêntese (por vírgula.

-P. 152, na citação de Pessoa no início da página, confirmar grafia «passal-a».

Está conforme a edição citada.

-P. 170, verificar utilização de parênteses rectos e curvos nas três primeiras linhas da nota 1.

Linha 2: inserir uma vírgula depois de: Morin (...),

Linha 3: abrir parênteses rectos em: mundo" [mg: 72]

-P. 177, a referência bibliográfica a Goldstein não corresponde à data indicada na bibliografia (no texto lê-se 1995, na bibliografia 1994).

Na bibliografia, corrigir para 1995.

-P. 207, na continuação da nota 3 da página 206, a palavra «cinema» deve aparecer entre aspas, como as outras? -SIM

-P. 244, na citação no final da página, confirmar «É ainda sob esse mar que Ulisses terá talvez conhecido a tute de itas».

ao empirismo lockiano. Com os românticos, resume W.J.T. Mitchell, «sublimated, abstracted image displaces and subsumes the empiricist notion of the verbal image as a perspicuous representation of material reality, just as the picture had earlier subsumed the figures of rhetoric» (Mitchell, 1987: 25). A este nível, poderemos delinear uma importante matriz para as noções de imagem desenvolvidas na poesia de tradição moderna.

Com efeito, Maurice Blanchot não se limita a pôr de parte essa contraprova da luz, do visível; o que ele recusa é o par *visível/invisível* em si mesmo, para valorizar o acontecimento indescritível, aquele que prescinde inteiramente de uma função de representação e duplica o uso da linguagem numa meditação acerca dos usos da linguagem:

Pour tenir jusqu'au bout la rigueur de cette phrase: «Parler, ce n'est pas voir...», nous devons en déployer la force jusque dans nos propres paroles et nos propres pensées. Nous ne devons pas penser comme si nous voyons l'événement. L'événement n'est pas l'avènement de quelque chose. Ce n'est pas un objet dit, mais le mouvement de dire que l'événement effectue lui-même. (Janvier s.d.: 8-9)

Pretendendo colocar em evidência os pontos de contacto entre o pensamento de Blanchot e o de Deleuze, Antoine Janvier, que acabo de citar, conclui que falar não seria, então, *ver*, mas fazer com que se veja («faire voir») (cf. *idem*: 13): *Donner à voir*, como resume um título de Paul Éluard (1939). Estaríamos, assim, ao nível de um «de-fora» da linguagem (que não lhe é exterior, mas que é a exterioridade da linguagem³), no qual visão e audição poderiam funcionar num registo livre, tanto da domi-

³ Deleuze tem em conta o ensaio «La pensée du dehors», dedicado por Foucault à leitura de Blanchot (*Critique*, nº 229, 1966).

nância do ocularcentrismo (Jay, 1993) quanto do próprio idealismo romântico. Nesta perspectiva, visão e audição (como imagens verbais, na essência) estariam directamente ligadas à crise modernista da representação e implicariam a dimensão meta-reflexiva desenvolvida pelos Modernismos e depois enfatizada por muitas das poéticas neo-vanguardistas de 60. Constatando sobre a sugestão do sensível, mas acontecendo no limite da linguagem, as imagens da poesia trabalhariam sobre a falência da visão, mas sem abdicar da concreção imagética. «Dir-se-ia que a língua é tomada por um delírio, que a faz precisamente sair dos seus próprios sulcos», afirma Deleuze, em *Critica e Clínica*, para depois sublinhar o processo de levar a linguagem a um limite,

(...) a um exterior ou a um avesso consistindo em *Visões* e em *Audições*, que já não fazem parte de nenhuma língua. Essas visões não são fantasmas, mas verdadeiras ideias que o escritor vê e ouve nos interstícios da linguagem. (...) Elas não estão no exterior da linguagem, elas são o seu exterior. O escritor enquanto vidente e ouvinte, objectivo da literatura: é a passagem da vida na linguagem que constitui as *Ideias*. (Deleuze 2000: 16)

O exterior da linguagem seria, assim, um não-dito cuja apropriação implicaria a imagem como esquema de organização e apresentação de conteúdos de pensamento, para usar os termos de Jacques Morizot (2004: 17).⁴

E que também implicaria a emergência de um princípio de visualidade não circunscrito à experiência óptica enquanto contraprova da realidade: livre, portanto, de uma focalização subjectiva. De resto, não é por acaso que os processos de des-subjectivação pensados pela poesia de tra-

⁴ Cf. *infra*, «1961: as imagens», p. 177.